

Crítica e compreensão da vida cotidiana*

Patrick TACUSSEL**

A vida cotidiana tem sido objeto de um número considerável de pesquisas desde o início do século XX. Não é possível oferecer aqui uma recensão das obras, mesmo se exemplares, que têm explorado um campo por definição inesgotável. As distinções estabelecidas entre as disciplinas científicas não são de molde a permitir uma ordenação desta diversidade de trabalhos. Mais do que as especializações universitárias, são as maneiras de se escrever a cotidianidade, de refletir a partir dela, que especificam a natureza dos trabalhos. Não há grandes obras do pensamento que não se tenham ocupado das questões cotidianas da existências e podemos considerá-las, muito legitimamente, quanto à sua envergadura sociológica, na medida em que percorrem os comportamentos do ser social nos limites de seu destino coletivo. Um projeto filosófico – como o de Kant – que pretende contribuir para o estabelecimento de leis universais fundadas na Razão, não se afasta absolutamente do vivido mais concreto, das pequenas coisas que constituem o quinhão de alegrias e sofrimentos de cada dia. Quando nos fala do reino dos fins, isto é, de uma legislação comum ligando todos os homens sobre uma base moral que transcenda os interesses individuais, ele percebe que no seu interior o preço e a dignidade remetem aos atos mais simples. Ele observa como "a habilidade e a aplicação no trabalho tem um preço de mercado; o espírito e a vivacidade de imaginação, o "humour" tem um preço de sentimento; ao contrário, a fidelidade a suas promessas, a benevolência por princípio (...) tem um valor intrínseco"¹. Os *Fundamentos da Metafísica dos Costumes* constituem a esse respeito, tanto um exame de atitudes banais, quanto um manual de "saber-viver" filosófico. Poderíamos fazer uma observação análoga a propósito de G.W.F. Hegel que, na sua *Propedêutica Filosófica*², nos fala do sono, da intuições, da vingança, do prazer etc... Se voltarmos a nosso século, a empreitada romanesca de Marcel Proust ou de Robert Musil, a experiência literária de Elias Canetti, a revolta poética do surrealismo, o Novo Romance convergem essencial-

(*) Tradução de Maria Cecília Sanchez Teixeira, Professora Doutora do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da USP.

(**) Maître de Conférences, Univ. Paul Valéry, Montpellier, França.

(1) KANT, Emmanuel. *Fondements de la métaphysique des mœurs*. Deuxième Section. Trad. franç. V. DELBOS. Librairie Delagrave, Paris, 1971, p.160-161.

(2) Cf. HEGEL, G.W.F. *Propédeutique philosophique*. Trad. franç. M. de GANDILLAC. Denoel-Gonthier, coll. Médiations 26, Paris, 1971.

mente para a minuciosa descrição da vida corrente. Do lado das ciências humanas se esboçam duas tendências:

1ª. uma abordagem crítica segundo a qual a alienação é o fator central da nossa cotidianidade: a psicanálise freudiana e o marxismo contemporâneo (H. Lefebvre, H. Marcuse, A. Heller, H. Kosik... os situacionistas);

2ª. uma sociologia compreensiva: interacionista (E. Goffman e sua escola), metacrítica (E. Morin, J. Baudrillard), estético-intuicionista (M. Maffesoli, A. Medam, P. Sansot...) Estas três perspectivas se recortam muito frequentemente, suas filiações intelectuais remontam a fenomenologia contemporânea, a A. Schtuz, M. Weber, ao néo-marxismo ocidental (W. Benjamin, a Escola de Frankfurt) e sobretudo a G. Simmel, que permanece um autor pioneiro nesta perspectiva. Da mesma forma, seria preciso acrescentar aqueles que se voltam para o método das histórias de vida (F. Ferraroti...)

I - O cotidiano alienado

a. Um objeto clínico

A vida cotidiana recobre a inscrição temporal, isto é, as maneiras como preenchemos os lugares, as pessoas e os objetos num apanhado de significações incertas, o que a consciência organiza na rigidez do sentido, atribuindo por um uso preciso, uma função, um lugar talvez extravasado; assim se exprime a concretude da existência comum... Uma palavra dita no lugar de outra, um encontro esquecido, tudo o que se perde ou que se quebra, um universo banal – fora de alcance – se coloca em cena dia a dia. A partir do estudo dos atos falhos ou acidentais, S. Freud realiza uma aproximação metodológica entre a atividade inconsciente, onírica, e os cometimentos diurnos que temos o hábito de negligenciar. "O modo de trabalho particular no qual vemos, "escreve ele", a manifestação a mais marcante no conteúdo do sonho, não se explica unicamente pelo estado de sono da vida psíquica, pois observamos manifestações deste mesmo modo de trabalho até na vida acordada"³.

Antes que a sociologia crítica se apodere da existência "menor" para remetê-la ao diagnóstico da alienação geral das relações sociais, o pai da psicanálise privilegia os lugares das diversas falhas, cuja trama ela entretece. Uma sintomatologia da cotidianidade pretende assim desvendar como nossos gestos mais anódinos, às vezes incongruentes, são os efeitos visíveis de conflitos inconscientes. O limite desta teoria reside no postulado de base que isola o sintoma (lapsos, atos fa-

(3) FREUD, S. *Psychopathologie de la Vie quotidienne*. Trad. franç. JANKÉLÉVITCH, F. éd. Payot, Petite bibliothèque, 97, Paris, 1972, p.295.

lhós...), para aí descobrir um fenômeno no qual abriga o sentido último de nossas ações e o seu invólucro simbólico. S. Freud precisa: "... nos atos sintomáticos e acidentais o conflito interior desempenha um papel cada vez mais apagado. Essas manifestações, às quais a consciência atribui uma importância insignificante, quando não lhe escampam completamente, servem, assim, para exprimir as mais variadas tendências inconscientes ou recalçadas; elas constituem, na maioria das vezes, uma representação simbólica dos sonhos e dos desejos"⁴. O cotidiano aparece, pois, como um teatro no qual se encontram as motivações conscientes e inconscientes e o aspecto descontínuo ou repetitivo que ele apresenta origina-se no fato de que o não-motivado recebe a sua Razão última de uma força escondida: o inconsciente.

Segundo Freud, vivemos, pois, diariamente a incapacidade de ampliar a Razão às atividades quaisquer. Desse modo, convém atribuir às insuficiências do funcionamento psíquico tudo o que parece privado de intenção e que a interpretação psicanalista identificará como impulsões rebeldes à consciência. Em definitivo, a psicanálise fala a favor da transparência, identificada a uma extensão da Racionalidade a todos os domínios do estar-junto. Nesse contexto, a terapia analítica espera levar o sujeito a assumir plenamente a sua relação com o mundo., "É este o castigo por nossa falta de sinceridade interior: sob a máscara do esquecimento e do desprezo, e invocando para se justificar a ausência de más intenções, os homens exprimem sentimentos e paixões, cuja realidade seria bem melhor reconhecer no que no que se refere tanto a si mesmo, quanto aos outros; e Freud acrescenta com pertinência "de um modo geral (...) cada um se ocupa com tanta frequência da análise de seus próximos, que acaba por conhecê-los melhor do que se conhece a si mesmo"⁵. A *Psicopatologia da Vida Cotidiana* explica a banalidade das situações, na medida que expõe as forças latentes de nossas inquietações, temores e desejos, fornecendo-nos também uma legitimação interacionista da cura psicanalítica.

Apesar de Freud professar um pessimismo fundado no profundo mal-estar da civilização, prisioneira de golilha* neurótica global, ele admite, entretanto, que nossos impulsos afetivos são preservados do esquecimento, afirmando-se livremente cada vez que escapam às injunções sociais⁶. Ele deixa aberta a vasta exploração sociológica das emoções e da sensibilidade, desde que a comunicação intersubjetiva não coloque o outro como um meio ou um obstáculo levantado na interioridade psíquica entre o ego e seus desejos. Mais audacioso ainda, ele examina a sensação miraculosa ou misteriosa do "já visto" ou "já experimentado" que se manifesta em ocasiões bizarras. Há aí uma experiência singular designada pela expressão alemã

(4) FREUD, S. *Idem, op. cit.* p.293.

(5) FREUD, S. *Idem, op. cit.* p.229.

(*) O autor utiliza a palavra "carcan" cuja melhor tradução é "golilha" – argola de ferro que se prendia ao pescoço dos condenados e a um poste (N.T.).

(6) FREUD, S. *Idem, op. cit.* p.165.

"Einführung" (empatia), que qualifica ao mesmo tempo o sentimento que se experimenta e um julgamento cognitivo. Observação judiciosa, pois "não se deve negligenciar o fato da impossibilidade de se lembrar aquilo que se busca"⁷. Do freudismo como sistema fechado de anamnese das neuroses individuais, resta uma teoria iconoclasta e reducionista, que traz a potência das imagens e dos símbolos ao universo fantasmático da privação do real alienado.

Todavia, são numerosas as asserções de Freud que testemunham o cuidado de não diminuir os aspectos afetivos ou amorosos das relações sociais. Da mesma forma, o pensamento crítico nas Ciências Humanas cuida de não ser muito seguro neste domínio, mesmo que use e abuse de recursos da psicanálise – a miséria sexual. Nesta brecha, a idéia de percepção afetiva partilhada e a de objetivo intencional em direção a uma comunidade possível, co-produzida com a natureza dos próprios atos, tais como são desenvolvidas por Max Scheler⁸, lançarão uma ponte entre a fenomenologia moderna e a sociologia. A utilização das noções de "Vergemeinschaftung" ("Comunalização") e de "Vergesellschaftung" ("Associação") em Max Weber⁹ ilustra o caso. Da mesma forma, o método compreensivo, que evita a hipostasia do fato julgado e do valor abstratizado (ou abstratificado) pela objetivação, origina-se neste horizonte epistemológico que coloca o social como uma totalidade relacional inesgotável, da qual cada um é o co-autor.

b. A crítica da alienação comum

Escrito em 1945 e publicado em 1947, o primeiro volume da *Crítica da Vida Cotidiana* de Henri Lefebvre¹⁰ constitui um livro de vanguarda. Ele sacode o marxismo da sua letargia doutrinal, ao estender a contestação da ordem capitalista – até então confinada à denúncia da exploração econômica e da ideologia burguesa – ao conjunto da sua apropriação da existência (a consciência privada, o lugar do sonho e do maravilhoso, o sentido da festa, etc...). As primeiras páginas da sua obra são consagradas à reflexão sobre as personalidades ou as correntes literárias e poéticas que abriram caminho a esta ambição. Censurando os surrealistas, e em particular André Breton, por se degradarem em apólogos da subjetividade exacerbada e alienada, ele lhes reconhece o mérito de haver evidenciado a lei da transformação do irracional, peça mestra da crítica do cotidiano. Mencionando um dos caracteres dessa lei, H. Lefebvre logo acentua a falha de sua análise: uma concepção não ques-

(7) FREUD, S. *Idem*, op. cit. p.283.

(8) SCHELER, Max. *Le Formalisme en éthique et l'éthique matériale des Valeurs*. Trad. franç. GAN-DILLAC, M. de. Éd. N.R.F. Gallimard, Paris, 1955.

(9) Max WEBER. *Economie et Société*. Tomo I, trad. J. FREUND et Alii, éd. PLON, Paris, 1971, 1^a parte, cap. I, p.41.

(10) LEFEBVRE, Henri. *Critique de la Vie quotidienne. Introduction*. Éd. GRASSET, coll "Les témoins", Paris, 1947, rééd. L'Arche, Paris, 1958.

tionada do Racional. "Assim, o irracional antigo, primitivo, continua a religar-se à vida cotidiana do homem que se desenvolve e se torna racional" escreve ele¹¹. Ora, é justamente o vir-a-ser desta Racionalidade que inquieta os surrealistas e muitos dos críticos da sociedade contemporânea (George BATAILLE, Roger CAILLOIS e o College de Sociologie, a École de Francfort, Walter BENJAMIN, ou Ernest BLOCH...).

Sobre esta base, H. LEFEBVRE sistematizará sua abordagem global da cotidianidade sob o ângulo exclusivo das mistificações e sujeições exercidas por diversos determinismos (econômicos, morais, políticos...) sobre todos os setores da existência. Para ele, a ideologia – isto é, o mecanismo pelo qual os interesses verdadeiros e conscientes de cada indivíduo se metamorfoseiam em representações enganosas de sua efetiva situação – penetra nossa vida corrente com uma capacidade irresistível, porque instalada diretamente sobre uma realidade muito imediata. "O cotidiano é o obscuro e o sólido, o corriqueiro, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam no emprego do tempo" precisará ele num ensaio posterior¹²; de modo que à alienação filosófica (a verdade separada do real), superpõe-se a alienação cotidiana: a realidade privada de verdade. É este processo que torna o cotidiano insignificante e coere a sociedade numa superabundância de símbolos que a codificam ideologicamente.

A intensificação de signos – da qual a publicidade é o instrumento mais ativo – ocupa o cenário de tudo o que nos separa de significações autenticamente comunicáveis. Em um mundo onde o álbi toma o lugar de desejos não satisfeitos – tema da simulação e império dos simuladores, caro a Jean BAUDRILLARD¹³ – o eterno retorno do mesmo e sua imagem permanecem a única duração no seio da qual se reencontra a modernidade. Diferentemente de Herbert MARCUSE – com quem partilha a tese de uma sociedade sobre-repressiva, que enquadra numa rede de normas e de prescrições a esfera do vivido prático sensível – ou de Ernest BLOCH, Henri LEFEBVRE recusa o potencial de criatividade liberadora do imaginário. De um lado, a imagem e a imaginação ressuscitam do passado, funcionam sobre a lembrança e a memória, alimentam um fluxo temporal (o da repetição). De outro, o imaginário dissimula a canalização social das sujeições cotidianas, enfraquece a dureza dos conflitos, eufemiza os problemas "reais"¹⁴. No prolongamento de Wilhelm REICH, H. LEFEBVRE opta pela politização da vida corrente, última alternativa capaz de formular um projeto revolucionário articulado em torno de três eixos: a revolução sexual ou a destruição da ordem moral, a reforma urbana susceti-

(11) LEFEBVRE, Henri. *Idem, op. cit.* p.131.

(12) LEFEBVRE, Henri. *La Vie quotidienne dans le monde moderne*. Éd. N. R. F. Gallimard, coll. Idées 162, Paris, 1968, p.51.

(13) Cf. particularmente BAUDRILLARD, Jean. *Simulacres et Simulation*. Éd. Gali, Paris, 1985.

(14) LEFEBVRE, H. *La Vie quotidienne dans le monde moderne, op. cit.* p.41 et 172.

vel de inventar um novo uso do espaço mais lúdico, enfim a festa reencontrada, que trará o tempo livre para o centro da vida coletiva. A Internacional Situacionista (1958-1969), ao radicalizar o extremismo artístico do pós-guerra (o lettrismo, COBRA, o Bauhaus imaginiste), dará a este programa uma eficácia e cuja última consequência serão os acontecimentos de maio de 68 na França¹⁵.

A teoria marxista oferece, nos países do Leste Europeu, uma evolução mais tardia, mas bastante comparável. Os trabalhos de Agnès HELLER, sobretudo seu livro: *A Vida Cotidiana*¹⁶ mostram as novas preocupações da Escola de Budapeste, animada por Georg LUCKACS. *A Dialética do Concreto*¹⁷, do filósofo tcheco Karel KOSIK, testemunha também o interesse pela cotidianidade como aposta maior da crítica social. Mesmo que o mundo capitalista continue a ser a base das formulações desmistificante, a sociedade socialista, e sobretudo o economicismo marxista, não estão ao abrigo dos questionamentos desses autores. Trabalhando por uma "reestruturação radical da vida cotidiana" na qual a conduta individual estaria em osmose com a dimensão comunitária do vivido social, Agnès HELLER, com efeito, não ignora que semelhante reivindicação rompe com a idéia de um socialismo, que vincula prioritariamente a melhoria do destino dos cidadãos a uma melhor repartição das riquezas econômicas ou a quaisquer desempenhos do mesmo tipo.

II - Da crítica à compreensão

Uma leitura atenta das pesquisas sobre a vida cotidiana realizadas pelos teóricos, tendo acompanhado sua formação intelectual na Alemanha no início do século, mostra que a perspectiva compreensiva e a intenção crítica não pertenciam a pontos de vistas inconciliáveis. A influência de Max WEBER e de Georg SIMMEL foi determinante para Georg LUCKACS e Ernest BLOCH; a do estético Hans CORNELIUS, do psicólogo gestaltista GELB ou do filósofo Paul TILLICH foi essencial para Theodor ADORNO, que defendeu um doutorado de filosofia sobre a fenomenologia husserliana, e Max HORKHEIMER; da mesma forma, é evidente a ascendência de Martin HEIDEGGER sobre o jovem HERBERT MARCUSE. A epistemologia compreensiva weberiana, o formismo de Simmel e a fenomenologia permitiram à sociologia crítica não naufragar na denegação ideológica, no dogmatismo; e, por

(15) Sobre a Internacional Situacionista. Cf. DEBORD, Guy. *La Société du Spectacle*. Éd. Buchet-Chastel, Paris, 1967, réed. Champ libre, 1971; VANEIGEM, Raoul. *Traité de Savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*. N.R.F., Gallimard, Paris, 1967; *Internationale Situationniste*, 1958-1959, Réédition 12 numéros de la revue, Champ libre, Paris, 1975. Igualmente nosso ensaio. TACUSSEL, P. *L'Attraction Sociale*. Librairie des méridiens, Paris, 1984.

(16) HELLER, Agnès. *La Vie quotidienne*. Budapest, 1970.

(17) KOSIK, Karel. *La Dialectique du Concret*. Trad. franç. R. Dangeville. Éd. F. MASPERO, Paris, 1970.

vezes, o modo de pensar que resultou dessas diferentes contribuições deu origem a um estilo de escrita totalmente original.

a. O conhecimento pelo cotidiano

No caso de Agnès HELLER, o debate epistemológico não é menos interessante que a temática da cotidianidade. Esquecendo as críticas de LUKÁCS¹⁸ contra os fenomenólogos (E. HUSSERL, M. HEIDEGGER, M. SCHERER), a fenomenologia aparece como uma alavanca filosófica capaz de quebrar os dogmas e de construir uma "ontologia marxista", ao integrar certas categorias tais como: "Lebenswelt", "épouque"... em um olhar sem complacência sobre o universo reificado e o presente vivido.

O primeiro capítulo da sua obra – *A vida cotidiana* – estabelece uma distinção entre o conhecimento banal, decorrente da opinião (doxa) e o saber, elaborado pela produção científica (epistémé). Ela observa como o primeiro pode ser mais sólido, menos efêmero, porque participante do todo orgânico onde se enraiza a vida social. "Uma verdade de todos os dias permanece "doxa", mesmo se ela se confirma sempre e uma verdade científica será "epistémé", mesmo se amanhã ela for substituída por uma verdade de um tipo superior", diz a autora¹⁹. Reencontramos estes dois modos cognitivos em um registro de pensamento muito diferente, quando Maffesoli oporá a compreensão inscrita na experiência comum e os saberes conceitualizados, trazidos pelo racionalismo cientificista²⁰. Enquanto a acumulação de descobertas científicas é sujeita à revisão permanente, à demonstração obrigatória, à refutação possível, as "relações perceptivas e afetivas da 'doxa' são, em princípio, incomprováveis e irrefutáveis", escreve A. HELLER²¹. O que pode ser verdadeiramente apreendido da alegria ou da tristeza do outro? No conhecimento corrente, os fatos só conduzem ao sentido em uma situação precisa; nessas condições, a afirmação ou a negação da sua presença em um contexto singular resolve a dificuldade. Ao contrário, os fenômenos da "epistémé" são universais e não se trata mais de constatar ou não sua existência, mas de validar sua significação em um sistema que justifica empiricamente uma hipótese diretriz.

Além disso, A. HELLER vê na "doxa" um conhecimento adaptado ao êxito de nossas tarefas cotidianas, enquanto que a "epistémé" pertence à carga da regulamentação da vida "no grau atingido pela sociedade genérica"²². Assim, entre o

(18) Cf. LUKACS, Georg. *La destruction de la Raison*. Trad. franç. 2 vol., L'Arche Paris, 1958.

(19) HELLER, Agnès. *La Connaissance quotidienne*. *L'Homme et la Société*, n° 43-4, 05, Janvier-Juin 1977, éd. Anthropos, Paris.

(20) Cf. MAFFESOLI, Michel. *La Connaissance Ordinaire*. Librairie des Méridiens, Paris, 1985.

(21) HELLER, Agnès. *Idem*, op. cit. p.97.

(22) HELLER, Agnès. *Idem*, op. cit. p.98.

que cremos e o que sabemos, a arbitragem da Razão está longe de ser indiscutível. O enfrentamento da crença e do saber, que adquire uma formulação moderna com a filosofia das Luzes, não é nada pertinente. A necessidade de crer combatendo a vontade de saber, esta última (a ciência) substituindo a primeira (a religião) em nome do Progresso e graças a sua promessa...

Este esquema é simplista porque a linguagem ordinária jamais confundiu o "eu creio" e o "eu sei". Aliás, a crise atual da ciência desemboca numa concepção que fragiliza o caráter de "epistémé" do saber científico. O elemento comum que emerge dessas análises é de colocar-se, segundo cada autor, "a crença como categoria epistemológica"²³, ou mais exatamente como um "sentimento" permanente em nossos atos, aí compreendida a cognição. O sentimento é um nível de compreensão do conhecimento cotidiano o qual não visa estabelecer o critério de verdade de seus conteúdos, sem por isso ser uma forma de ignorância.

Agnès HELLER define a cotidianidade como estrutura: ela engloba um feixe de "atividades que exprimem a possibilidade contínua de reproduzir uma sociedade conforme os atos individuais de auto-reprodução"²⁴. A separação entre a "doxa" e a "epistémé" é indissociável da diversidade de atividades humanas, do antagonismo e da hierarquia que os constituem. Em outras palavras, remete à essência da alienação cotidiana que impede que se unifique, de uma maneira complementar, o conhecimento saído do cotidiano e aquele construído pela ciência, e de se apreender conscientemente a totalidade da existência. Em *Die Eigenart de Aesthetischen*, publicado em 1963, G. LUKÁCS caracteriza a vida cotidiana pela sua "immediatez"²⁵. Agnès HELLER acentuará as objetivações superiores cada vez mais abstratas, que trabalham a cotidianidade e que estão em ruptura com esta "immediatez". A origem da alienação comum e da discriminação do conhecimento cotidiano, confundido com ela, inscreve-se no lento processo de individualização. É o resultado de uma transformação antropológica de longa duração: a cisão na relação direta com o mundo e com a espécie humana acarretando a separação entre o desenvolvimento do "ser pertencendo à espécie" e o do indivíduo.

b. A vida cotidiana como obra de arte

Não trataremos no quadro deste estudo de todas as abordagens compreensivas da sociologia do cotidiano. Só nos ocuparemos da perspectiva estética. Foi exposta pela primeira vez com clareza num texto de Georg SIMMEL, de 1910 (depois mo-

(23) HELLER, Agnès. *Ibidem*, op. cit. p.99.

(24) Citado por PALMIER, Jean-Michel. *Quelques remarques sur l'actualité de l'École de Budapest*. In: *La Théorie des Besoins chez MARX par A. HELLER*. Trad. franç. MORALES, M. Éd. U.G.E., coll. 10/18, Paris, 1978, n°. 1218, p.20.

(25) Cf. LUKACS, Georg. *Die Eigenart des Aesthetischen*. Werke, Bd. 11, 12, Neuwied, Luchterhand, 1963.

dificado em 1917, no *Grundfragen des Sociologie*): *Individuum und Gesellschaft*. O autor se interroga sobre os costumes interpessoais (a amabilidade, a cordialidade, o tato, o charme...) e define "a sociabilidade como a forma lúdica da socialização"²⁶, ou ainda "a forma lúdica das forças éticas da sociedade concreta"²⁷; assim, "ela se comporta relativamente a sua concretização determinada pelos conteúdos, à maneira da obra de arte com relação à realidade"²⁸. Este caminho privilegia a descrição sobre a explicação, o estilo de relações sociais, o detalhe significativo com relação à vã totalização. A História não é mais imposta enquanto historicidade da Realidade coletiva, mas se integra de maneira fragmentária, como uma miniatura ou um vestígio (E. Bloch) que condensa em si muitas significações. O cotidiano não é, propriamente falando, a-histórico como sugere Karel KOSIK²⁹, mas infra-histórico. Ele conclui a história a cada momento no qual coincide passado em suspenso, futuro em gestação e presente fenomenal. Como escreve G. LEHMANN: "... o mistério do cotidiano (...) se revela, em definitivo, como o mistério da realidade social em geral. Mas a dialética imanente ao conceito de cotidiano se exprime no fato de que o cotidiano desvela a realidade social ao mesmo tempo em que a dissimula"³⁰. Isto permite a este autor escrever com justeza que a "ontologia da vida de todos os dias" pode ser traduzida em categorias sociológicas. O termo socialidade, redescoberto por Michel MAFFESOLI³¹, responde à existência estético-compreensiva pela qual a forma se torna a verdade, a transcendência imanente, da nossa experiência corrente da vida social. É igualmente uma perspectiva que aparece no filósofo Jean GRENIER na sua compilação: *A vida cotidiana*³². Para além das significações e objetivos aparentes da nossas maneiras de ser existe um trajeto que conduz da existência corrente ao estilo de vida e à obra de arte.

Organizado como uma série de historietas e de relatos, o livro de Ernest BLOCH-TRACES – mostra quanto interesse há em decifrar o "bric-a-brac" da vida banal. A cotidianidade é exposta como uma espécie de cenografia expressionista, no qual cada acontecimento é uma advertência que mantém a consciência em alerta". "São pequenos traços aqui e ali, que não se esqueceu; nos resíduos muita coisa pode ser apanhada atualmente" assegura o autor, que sugere que se apanhem as coisas descartadas, pois é assim que elas nos aparecem³³. O secundário tem uma impor-

(26) SIMMEL, Georg. *La Sociabilité. Exemple de Sociologie pure ou formale*. In: *Sociologie et Epistémologie*. Trad. franç. GASPARI, L. P.U.F., Paris, 1981, p.125.

(27) SIMMEL, Georg. *Idem, op. cit.* p.133.

(28) SIMMEL, Georg. *Idem, op. cit.* p.125.

(29) KOSIK, Karel. *La Dialectique du Concret, op. cit.* p.55.

(30) LEHMANN, G. *Das Subjekt der Alltäglichkeit*. Archiv Furangewan Soziologie, Berlin, 1932-1933, p.37.

(31) Cf. MAFFESOLI, Michel. *La Conquête du Présent*. P.U.F., Paris, 1979.

(32) GRENIER, Jean. *La Vie quotidienne*. N.R.F., Gallimard, Paris, 1968.

(33) BLOCH, Ernst. *Traces*. Trad. p. quillet HILDEMBRAND, H. N.R.F., Gallimard, 1968, p.15.

tância que não é frequentemente reconhecida como tal. No livro *Le Voix de Marrakesch* ³⁴, Elias CANETTI nos oferece no mesmo tom o seu diário de viagem, outras tantas facetas que cristalizam as impressões vividas e escapam à duração linear do seu périplo.

Poder-se-ia acrescentar a essas duas obras a tentativa de Walter BENJAMIN em *Sens Unique et Enfance Berlinoise* ³⁵, através da qual o escritor tenta dar conta da paisagem sensível e da atmosfera que envolvem os seres e as coisas na sua temporalidade cotidiana.

Em conclusão, pode-se falar do método estético-compreensiva como uma teoria da experiência do tempo vivido, capaz de tirar a experiência e o fenômeno do seu limite temporário. O olhar que ela dirige ao presente virtual considera a vida cotidiana como uma configuração de elementos, cuja estilização é adequada para descrever a fisionomia de um espaço ou de uma época. Desta forma, a alienação geral das relações sociais não poderá atingir com êxito as múltiplas mediações que preservam o vivido do esquecimento e da morte.

(Recebido para publicação em 19.03.93 e liberado em 28.05.93)

(34) CANETTI, Elias. *Les Voix de Marrakesch: Journal du Voyage*. Trad. franç. PONTIER, F. Éd. Albin Michel, Paris, 1980.

(35) BENJAMIN, Walter. *Sens Unique, précédé de Enfance Berlinoise*. Trad. franç. LACOSTE, Jean. Éd. Les Lettres Nouvelles, Paris, 1978.